

A GARGALHADA ANTECIPOU O GOZO: Perspectivas sônico-musicais para análise do horror no funk brasileiro

Felipe Galvão¹
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO | O estudo investiga a gargalhada como elemento sonoro central no cinema de horror e sua apropriação pelo "funk bruxaria", subgênero que incorpora códigos do terror. A pesquisa utiliza a metodologia das Constelações Acústicas para mapear padrões sonoros em músicas de funk, analisando diferenças entre produções heteronormativas e LGBTQIAPN+. Os resultados apontam a gargalhada como marcador simbólico de transgressão e poder na cultura pop brasileira.

PALAVRAS-CHAVE | funk; sonoridade; performance; estética.

INTRODUÇÃO

A gargalhada sempre foi um elemento sonoro marcante no cinema de horror, evocando tanto o grotesco quanto o sobrenatural. Associada a figuras icônicas como palhaços e bruxas, esse recurso vocal carrega um simbolismo dúbio: ora cômico e histriônico, ora ameaçador e demoníaco. No entanto, essa característica não se restringe apenas à sétima arte, encontrando ecos na produção musical contemporânea, especialmente no universo do funk.

Neste artigo, investigamos como a "gargalhada" se tornou um aspecto sonoro fundamental dentro do chamado "funk bruxaria", um subgênero que se apropria de elementos do terror para criar atmosferas sensoriais intensas e envolventes. Carreiro (2019) destaca que sons vocais não semânticos, como gritos, respirações, gemidos, tosses, suspiros, gargalhadas e choros, ainda são pouco explorados nos estudos sobre som no cinema, apesar de seu impacto expressivo e narrativo nas produções audiovisuais.

Ao traçar um paralelo entre as produções de funk bruxaria feitas por artistas heteronormativos e aquelas concebidas por pessoas LGBTQIAPN+, busca-se compreender

¹ Trabalho idealizado para o 3º Simpósio Popfilia: "Montar cenas, fantasiar vidas"; Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (Grupop/ CNPq); email: felipe.fg@ufpe.br.

como a experiência e a vivência desses grupos influenciam a construção de identidade, do desejo e do poder dentro da música.

Apesar de o funk bruxaria ter ganhado notoriedade no início da década de 2020², a faixa de MC Kauan já antecipava algumas de suas características fundamentais. O uso de imagens de poder e intimidação, referências a personagens da cultura pop como o Coringa, e a criação de um ambiente cinematográfico na composição musical indicam uma tendência que se desenvolveria posteriormente dentro do funk.

Elementos como a risada distorcida, mesmo que só utilizada no videoclipe na plataforma Youtube, confere uma ambientação sombria e a construção de uma persona vilanesca recorrente nesse subgênero, sugerindo que "O Terror Tem Nome" pode ser uma influência indireta para produções posteriores.

O Funk Bruxaria é uma variação do funk mandelão que se destaca pelo ritmo acelerado, geralmente entre 130 e 140 BPM, e pelo uso de sintetizadores aliados a elementos sonoros que criam uma ambientação sombria e aterrorizante na música. (Popline, online)³

Maria Gabriela de Toledo Dayeh explica a diferença entre os subgêneros do funk ao portal G1 e destaca a importância do "mandelão" na cena periférica:

"O funk mainstream é o que tocam Anitta, Ludmilla e Dennis DJ e toda música que domina os serviços de streaming. Já o 'mandelão' é o funk de baile, criado e explorado por jovens que moram e frequentam as periferias paulistanas e investem em diversas maneiras de transformar o barulho - isso mesmo - em música, além de ser acompanhado por letras mais pesadas." (DAYEH, 2024).

A proposta deste estudo se estrutura em três gestos analíticos: primeiro, na definição e entendimento do que se reconhece como "funk bruxaria" e como ele se insere no panorama da música popular brasileira; segundo, no debate sobre as sonoridades do cinema de horror (CARREIRO, 2019) e sua influência na construção de clichês sonoros e marcações musicais dentro do funk e da cultura pop em geral; e, por fim, na análise da criação de personas e personagens fictícios do universo pop (ALMEIDA e SOARES, 2023), em que os artistas

² Disponível em:

https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/05/23/bruxaria-e-ritmado-funk-varia-de-acordo-com-regiao-da-idade-de-sp-entenda-as-diferencas_ghtml. Acesso em: 17 de março 2024.

³ Disponível em: <https://portalpopline.com.br/o-que-sao-phonk-e-funk-bruxaria/>. Acesso em 18 de março 2024.

utilizam camadas performáticas e estéticas para evocar narrativas de poder, sensualidade e transgressão.

Compreender a gargalhada como um elemento sônico central nesse processo nos permite explorar as diferenças na produção do terror dentro do funk heteronormativo e LGBTQIA+, revelando nuances de identidade, resistência e ressignificação dentro do gênero musical. Esse estudo propõe, portanto, uma reflexão sobre como o som e a performance se entrelaçam na criação de atmosferas de desejo e poder no funk contemporâneo.

METODOLOGIA

A análise do processo de queerização da gargalhada no funk será conduzida por meio da metodologia de Constelações Acústicas, atualmente em fase de desenvolvimento e aprimoramento no Grupo de Pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (Grupop/CNPq). Essa abordagem consiste na criação de playlists musicais com o propósito de, a partir de uma curadoria sonora estratégica, destacar e revelar sentidos e sensibilidades em interpretações sônicas interconectadas. Essa mesma metodologia foi aplicada no estudo anterior, "Meu uivo é queer: Perspectivas sônico-musicais para análise do horror queer na música pop".

A proposta de relacionar objetos artísticos e midiáticos em constelações se inspira no pensamento de Walter Benjamin, conceito que foi incorporado às pesquisas em cinema através dos estudos sobre Constelações Fílmicas (SOUTO, 2020) e expandido na interseção entre cinema e música sob o conceito de Constelação Audiovisual (ALMEIDA e SOARES, 2023). O desenvolvimento da noção de Constelação Acústica surge como um esforço para integrar os Estudos de Performance, especialmente no que se refere ao conceito de clivagem (TAYLOR, 2013), ao campo dos Estudos sobre Música Pop (SOARES, 2015), ampliando as possibilidades de análise e interpretação no universo sonoro.

A noção da gargalhada como elemento sônico distintivo emergiu durante o processo de formação de Constelações Acústicas, sendo um dos principais pontos de convergência na curadoria da playlist "Possessões Sonoras"⁴, criada na plataforma Spotify. A proposta dessa Constelação Acústica se fundamenta na identificação de padrões sonoros que evocam uma

⁴ Disponível em:

<https://open.spotify.com/playlist/63TYQDxoLOTm6NSXxNHBED?si=YtrOxTAIQIaGdNOlpy5qtA>.

Acesso em: 20 de Março de 2025.

estética do horror no funk, estabelecendo diálogos entre a sonoridade característica do gênero e os códigos narrativos do terror, historicamente empregados no cinema e na cultura pop. Nesse sentido, a gargalhada – frequentemente associada a figuras como bruxas e palhaços no imaginário do horror – é ressignificada dentro da produção musical, atuando como um marcador simbólico de transgressão e performatividade.

A playlist (Figura 1) foi composta por faixas que evidenciam a interseção entre o funk e elementos sonoros típicos do horror, sendo a gargalhada um recurso presente em momentos distintos da produção musical.

“Beat das Galáxias”, colaboração entre DJ Blakes e MC GW, emprega sonoridades do funk mandelão combinadas a ecos e risadas sinistras, criando uma ambiência de mistério e suspense. Já “AMEIANOITE”, parceria de Pablo Vittar e Gloria Groove, explora a fusão entre pop, funk e música eletrônica, adotando uma estética ‘pirigótica’ como afirmação identitária, onde o riso adquire conotações de poder e deboche. “Automotivo Acordou a Favela Toda”, de DJ K, intensifica a experiência do horrorcore no funk bruxaria, instaurando uma sensação paranoica de que a festa pode se encerrar abruptamente, subvertendo a lógica do entretenimento contínuo. “SENSAÇÃO DE...” de Katy da Voz e As Abusadas com participação de Irmãs de Pau e FKOFF1963 incorpora batidas eletrônicas combinadas a elementos do funk bruxaria, evocando o espírito transgressor das festas e da vida noturna. Por fim, “BRUXARIA 3000”, de Gloria Groove, sintetiza a fusão entre misticismo, diversão e uma atmosfera ritualística, reforçando a relação entre o funk e o universo simbólico da bruxaria. Em todas essas faixas, a gargalhada emerge como um componente sônico estruturante, reforçando a teatralidade e a construção de narrativas sonoras que articulam desejo, feitiçaria e assombro dentro do universo do funk.

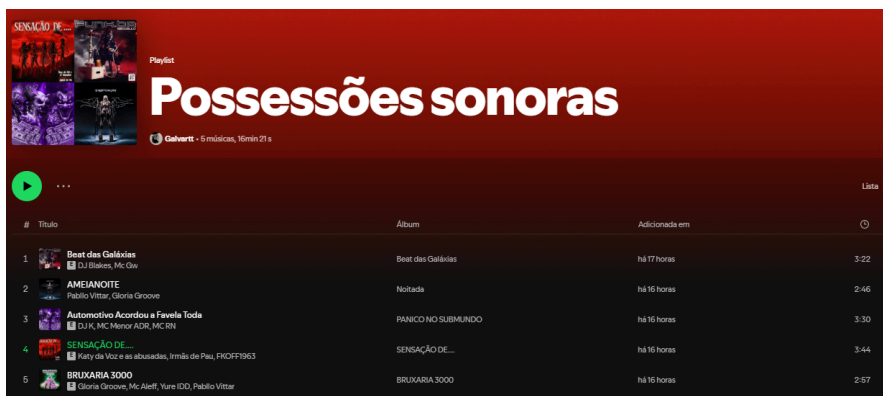


Figura 1 - Playlist que traduz a Constelação Acústica de escuta da gargalhada entre as músicas de funk

RESULTADOS

A pesquisa propõe uma análise aprofundada das particularidades sônico-musicais do que denominamos horror queer na música pop brasileira. Desenvolvido como parte de um projeto de mestrado, o estudo busca investigar os marcadores estéticos e performáticos do horror queer dentro da canção pop contemporânea no Brasil. O primeiro eixo analítico concentra-se na produção musical de artistas LGBTQIA+, com ênfase em obras audiovisuais nacionais, examinando como essas produções dialogam com sensibilidades e questões pertinentes à comunidade queer no país.

A estrutura metodológica do estudo é organizada em três etapas principais: (1) o levantamento das características sônico-musicais do cinema de horror que são assimiladas na produção musical pop, sendo este artigo parte desse movimento inicial; (2) a análise dos marcadores performáticos do horror queer na cultura pop, estabelecendo relações entre produções internacionais e audiovisuais brasileiros; e (3) a identificação de elementos estéticos do horror em videocliques de artistas LGBTQIAPN+ no Brasil.

Ao articular os eixos musical e performático, a pesquisa pretende expandir as discussões sobre as representações de sujeitos LGBTQIAPN+ na cultura pop, explorando as implicações políticas e simbólicas de suas estéticas em contextos de ampla visibilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabriela e SOARES, Thiago. **A máquina do gênero na cultura pop**. In: Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (Rebeh). Vol. 06, N. 21, Set. - Dez., 2023 - <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>. Acesso em: 03 de jan. 2024.

CARREIRO, Rodrigo. **Por uma teoria do som no cinema de horror**. In: Revista Ícone. v. 17, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34176/icone.v17i3.240271>. Acesso em: 11 de jun 2024.

G1. **Bruxaria e ritmado: funk varia de acordo com região da cidade de SP**; entenda as diferenças. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/05/23/bruxaria-e-ritmado-funk-varia-de-acordo-com-regiao-da-cidade-de-sp-entenda-as-diferencas.ghtml>. Acesso em: 17 de março 2024.

POPLINE. **O que são Phonk e Funk Bruxaria**. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/o-que-sao-phonk-e-funk-bruxaria/>. Acesso em: 18 março. 2024.

SOARES, Thiago. **Percursos para estudos sobre música pop**. In: Cultura pop. SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério (Orgs.). Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2015, p. 19-33.

SOUTO, Mariana. **Constelações filmicas: um método comparatista no cinema.** In: Galáxia, São Paulo, n. 45, set-dez. 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/44673>>. Acesso em: 03 de jan. 2024.